N.º 48 (170) — 4.º ANNO

Terça-feira, 10 de Outubro de 1911

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

IMPRESSÃO A CORES
Typ. do Annuario Commercial, P. dos Restauradores, 27

Composto e impresso na typographia NACIONAL
36, Rua da Conceição da Gloria (á Avenida), 40

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO» Redacção e administração: R. da Rosa, 162, 1.º—Lisboa

O jantar do dia 4 na Rotunda

5 D'OUTUBRO

SILVA E SOUZA

Afinal os oficiaes não paparam o jantar e o Coiceiro deixou estalar a castanha na bocca ao maluquinho das Necessidades!

As minhas impressões

Notas de um "apache,, que visitou Lisboa durante as festas e que por meios licitos chegou ás mãos de Fulano de Tal e Manuel Vaz

As impressões das ruas

Percorrendo as ruas de Lisboa á cáta de carteira a que deitar as mãos, e d'algum provinciano a quem contar o «conto do vigario,» tive occasião de examinar as ornamentações que Lisboa ostentava pela commemoração do anniversario da fuga... em sól maior do D. Manuel II, o «Desventuroso.»

Quem seguir a antiga rua dos Fanqueiros, actual rua dos Bacalhoeiros, devido aos bacalhaus expostos pelas casas principaes, Machado Santos, Mayer Garção etc etc, vai dar á Rotunda, onde n'uma barricada a «Incrivel Democratica, Confederação Musical Patria Livre, 5 d'Outubro de 1910,» proclama a republica... na muzica de alguns compositores celebres que não teem culpa, coitados, da revolução portugueza.

Antigamente, a Rotunda era risonha e franca ao cimo da Avenida; hoje em dia acha-se situada entre a rua da Prata e a dos Bacalhoeiros, ao cimo do quarteirão em que o povo faz avenida. Virando á rua da Prata, allusiva á marinha de guerra temos occasião de constatar aquella piada de que a marinha... anda no ar, para ir para a fronteira.

Na rua Augusta, logo ao vir do Terreiro do Paço nota-se um arco thriumphal, muito bem trabalhado e de muito bom gosto. A commissão gastou bastante com este arco, e com o relogio que por obsequio para com a «data» se poz em movimento.

Rua do Ouro, está artisticamente arcoada com fiadas de pinhões encarnados a alimentarem uns pobres animaes que na primeira noite piscavam os olhos aos passeantes, com falta de luz. E' de muito bom gosto e allusivo ao «Banco de Portugal.» No primeiro projecto d'esta rua, figurava o sr. Bispo de Beja a voltas com os mesmos canhões, enviando estes em vez de balas, enormissimas patas para assustarem o publico.

No «Chiado a Sociedade do pau tórto» forrou de encarnado, vendo-se nas janellas do «Republica» diario do sr. José d'Almeida, dois elegantes pares de botas; na rua do Mundo enfeitada a óvos estrellados, os paus não ficavam atraz dos do Chiado, tórtos como o sr. França Borges.

A redacção da «Lucta» illuminou a «petroleo» e enfeitou com sabonetes «macacos» p'ra livrar da «macaca» com que tem andado.

No Rocio. fez se representar o «Vertical» allumiando o castiçal sobre o qual, D. Pedro contempla o Tejo.

Em varias outras ruas, houve tambem ornamentações vistosissimas, á chineza, com paus tórtos, balões de patico, e muita gente a passear.

As illuminações e as disposições

Com um sujeito meu amigo morador no 1.° quarteirão da Rua do Ouro, fui ver as illuminações. No 1.° dia illuminações geraes, na rua Augusta. No 2.° dia illuminações mais geraes na rua da Prata. No 3.° dia illuminações generalissimas na Avenida do «Vá p'la esquerda» p'ra baixo.

O meu amigo, desejoso no Rocio, de ir para casa, teve de em vista das disposições policiaes, subir O Chiado, Rua do Mundo, Escola Polytechnica, descer Avenida ir pela Rua dos Fanqueiros subir a da Prata, descer a Augusta e subir a do Ouro. Os guardas-republicanos, diziam ser á ingleza. Lá isso é verdade «Time is money»; o meu amigo levou 3 horas para chegar a casa.

O cortejo

No dia 5 houve o cortejo. Com a consciencia limpa de ter limpo as algibeiras d'alguns «pachidermes» que esperavam o cortejo desde a vespera á noite, assentei bases na Avenida. Passou o cortejo. Exactamente o mesmo da procissão de Camões. Levava a mais os andores dos Cortadores, da Imprensa, do Commercio, Maçonaria e Correios. A casa Pia, puchava um elegante carrinho, piada ao «tenho fome e tenho frio». Associações de classe de todas ás classes, com bandeiras, pendões, etc., tal qual um cortejo funebre de enthusiasmo.

Projectos

Ao passar o sr. Augusto Pina, com o nariz assente no carro do Commercio, deixou cahir um embrulho que cuidadosamente guardámos julgando ser algum projecto para o theatro da Natureza. Tratava-se dos projectos de carros do cortejo. N'elle se lia:

«Carro dos cortadores». A' frente duas figuras representando a monarchia e o Zé Povinho, dizendo este: Cortáste-te... pois dança agora! Debaixo do manto, agasalhados, viam-se as cabeças de Zé Luciano, Mattoso dos Santos, Espergueira e outros que se cortaram. Na parte de trás, a exrainha Amelia, apontava um cofre vasio e cantava:

> N'este cofre solitario
> Onde a desgraça me tem
> Olho e não vejo cheta
> Busco e não tem vintem.

No cofre, lê se: Cofres do estado.

«Carro do meio bife» allusivo á questão das carnes.

N'um balcão, o frontão avia o sr. Miranda do Valle que encarecidamente inquere sobre o chouriço para o abastecimento da cidade. Atraz o Chaby, o Alpoim, e a D. Fernanda assentam-se sobre o Zé, que ao sentir aquelle "pesadello,, se recorda do Buissa.

Este carro, é puchadó por quatro juntas de maridos divorciados e guiados pelo sr. Bramão.

«Carro dos correios»: Quatro figuras de empregados dos correios, dormem tranquillamente com immensa correspondencia por seguir. Atraz o sr. Maria da Silva distribue prospectos onde se lê:

> Cesse tudo quanto a musa antiga canta
> Que o nosso serviço é o melhor da Europa.

(Este verso é da lavra dos srs. Lavra e Ourique auctores do «Vá pl'a esquerda).

«Carro do Commercio». Rodeado por immensas batatas compradas para a «Crise do Amor», vê se a Republica a comprar um fato de cheviote no Grandélla para o commercio que anda em pellótta ha muito tempo. A vereação da camara offerece "sabonetes,, á Republica para ella lavar a cára que está muito pórca.

Varias noticias

—Nas lojas da baixa, achavam se expostas algumas individualidades republicanas; Todos na montra.

—Na «maison blanche via-se uma encantadora republica... na lua, embrulhada em papel de caixas de chocolate.

—Em todas as janellas se viam bandeiras nacionaes ou pelo menos... bandeiras das portas.

—Na rua do Ouro só appareceram "canhões,,.

—Foi muito commentado, o sr. Roque Gameiro ter posto no cartaz commemorativo, o velho Portugal, levando a «Republica para os maus caminhos, fazendo-a assim entrar em "cégadas,,.

—Em todas as ruas, se não havia bôdo de pão, pelo menos havia-o de pêras... electricas.

—Na rua dos Fanqueiros foram muito lidos os nomes dos vultos proeminentes do partido: João Chagas, cidade do Porto, Affonso Costa, 5 d'outubro etc.

—A orthografia adoptada fez-se representar no cortejo, no pendão das «Viuvas e Horphãos» da revolução.

—Para o fogo de artificio, um padre preso, forneceu, foguetes de lagrimas de... crocodilo.

Pela copia.

FULANO DE TAL & MANUEL VAZ

Um rico paiz

Nenhum como o nosso.

Nada o eguala, nada o imita sequer.

A' pouco, lemos uma carta no jornal «A Capital,» d'um revisteiro que, agastado pelo fracasso da sua producção «Crise do Amor,» lamentava a falta de solidariedade dos seus... camaradas e dizia-se homem da letras; paiz, semilhante ao nosso não conhecemos nenhum, tão fertil em homens de sciencia, douctores, litteratos, poetas e artistas que, quasi tal como Diogenes, temos que procurar de lanterna em punho um analphabeto.

Dizendo se um revisteiro homem de letras, o que serão Theophilo Braga, Agostinho Fortes, Ramalho Ortigão e outros?

Bolas para tanto homem de tretas que tem Portugal!

MENTES TU

Diziam os «Ridiculos, em resposta a um maduro qualquer, que «R. P.», das ornamentações, significam: «Raios os Partam».

Alto lá! O significado é este: os «Ridiculos são Paivantes».

Assim é que fica certo, seu Caracoles! Tal está o da rabeca, que nem a historia contemporanea conhece!

E a gente, pf!

Lá continua no extrangeiro a zaragata teza por causa da carestia dos generos.

E por cá, nada. Podéra! Aqui come se quasi de borla!

E agora?

Uma vez, passados os arrebatamentos que vieram vincular, provar, tão eloquentemente o sentimento d'um povo como outro não ha, e que ao mundo inteiro, provou que a republica é obra sua e de mais ninguem, uma vez, que os povos cultos, viram quanto justificada foi a conquista levada a cabo por um gesto e por um grito saido de peitos opprimidos e braços nús d'armas na mão; uma vez, que o mundo teve a prova real de que a republica portugueza é uma existencia sem a qual a familia portugueza não pode agir; uma vez, que reconhecido está que nada temos a receiar de incursões sejam de quem fôr para roubar a esta linda terra de Portugal o sól redemptor que raiou na manhã de 5 d'outubro, olhemos com friesa, com calma e reflexão para dia d'amanhã, e não nos limitemos a cantar hossanas de victoria, deixando-nos dormir ao som do hymno da gloria que nos ergueu ao pinaculo do prestigio e nos abriu de par em par as portas da fraternidade mundial!

A revolução, saida da praça publica, foi a sequencia d'um insano trabalho de propaganda, foi a obra indispensavel que veio trazida pela mão nervosa da destruição; e uma vez, levada a cabo a mais difficil das tarefas, urge construir, normalisar, educar e fomentar a riqueza d'esta invejada colmeia d'oiro onde as suas abelhas, até em pleno inverno, dormem sob telhas de estrellas e manta tecida de azul celeste — o ceu d'esta linda terra de Portugal que outra egual não ha!=terra, que ninguem até hoje como Camões soube cantar! De tudo possuimos: poetas, litteratos, artistas e sobretudo, somos honrados. De ponta a ponta do Oriente ao Occidente, ninguem ha, que não inveje a nobresa de sentimentos que tanto caractérisam os filhos de Portugal, d'este paiz, que soube levar aos confins do mundo a arte, a sciencia, o commercio, a industria e a navegação, assombrando pelo seu heroismo, pela sua abnegação o mundo inteiro — povo como outro não ha! Nós, somos dignos d'esta linda colmeia d'oiro; como ella se ufana de possuir por filhos semelhante raça que que outra egual não ha.

Doze mezes são passados, ainda os escombros d'esse edificio que era a moradia do nosso descredito nos entolham o passo; ainda o fogo de egoismo, nos tortura e pretende aniquilar a obra gigantesca do povo que, n'um rasgo heroico, tão nobremente se soube emancipar, soube arrancar das mãos dos vendilhões os arminhos, os castellos feudaes, libertando assim a Patria, libertando a urna, a consciencia e deixando os braços soltos, a bocca sem mordaça, o peito sem grilhões e illuminaram a patria com este sól de redempção, de esperança e de fé! Foi assim, que a entregaram nas mãos dos governantes, para bem a administarem, para d'ella fazerem uma patria forte e robusta, uma patria invejada e admirada pelo mundo inteiro.

O povo, não quer facções, o povo, não se quer ver amanhã illudido, quer, e tem o direito a exijir uma republica sustentada pela grandeza da verdade, pela sublime ordem e que ninguem ouse affrontal-a porque, sem ordem, não ha povos dignos e respeitados; quer poder confiar, quer premiar, mas tambem quer punir quem ousar prevaricar! O povo, quer uma politica sem sortilegios, sem facções, uma politica honesta e digna da sua confiança; uma politica que nos erga, que nos dignifique aos olhos das grandes nações; para isso, muito temos que trabalhar, muito ha a fazer e a conquistar.

Não basta tomar conhecimento dos actos e da vida d'um povo, sentados nas poltronas dos seus confortaveis e luxuosos gabinetes ministeriaes pelas indicações vagas dos telegraphos ou dos telephones, não basta decretar, porque assim não é governar. Senhores do governo, urge indagar das necessidades do povo, urge difundir a instrucção, promover a educação do povo para o respeito das leis e da ordem; urge colonisar a Africa, tornal-a digna de se enfileirar ao lado das congeneres que tão carinhosamente são cuidadas pelos seus governantes e acima de tudo — resolver o problema economico e financeiro; foi para isto e só para isto, que o povo a braço nú e arma na mão, fez a sua emancipação! Vergonhosa foi a herança que nos legaram, mas gloriosa será a que entregamos aos vindouros, para que elles possam fazer amanhã a unica, a grande, a verdadeira revolução que os povos sonham, que os povos tanto ambicionam — a revoluçao dos ideaes e ella, só póde ser obra do povo e para o povo!

ARIEJNARAL

UMA BELEZA!

E os ovinhinhos a quatorze vintens?
Dantes eram só para os ricos, agora são só para os tubarões!

PHANTASIA

A musica e os genios

Conforme os genios, assim as notas de musica são preferidas ou repudiadas.

Por exemplo a nota preferida do homem bondoso é o «dó».

O republicano anceia pela «Ré».

Os homens que vendem sombrinhas, estimam o «Sol».

Os brazileiros são amantes di «lá»

Os faias puxam para o «fá... do»

Os militares amam o «sol... do

Os musicos precisam do «la mi ré.

Ainda ha mais. Os astrologos e os geometros invejam os «compassos;» os pintores os «tons.

Já os banqueiros não fazem questão; para elles todas as «notas» são boas. Os falladores odeam as «pausas;» e quem tem sogras, está sempre à espera dos... «accidentes.

FULANO de TAL.

Caramba!

«Os Ridiculos» vinha assustadissimo com as festas. Até dizia que os foguetes abalavam as casas, echoavam tetricamente pela calada da noite, etc.

O homensinho estava com um cagaço!

NO FUTURO

Por mais que a paciencia mate,
Com franqueza, não descubro
Qual o grande disparate
Que tomou o antigo «yacht»
Aviso 5 de Outubro!

E não é coisa banal
O motivo d'esta scisma
Que me faz bastante mal,
Pois ninguem em Portugal
Percebe a razão da chrisma!...

Se corre assim a mania
De fazêrem estas graças
A's coisas da monarchia,
Passam a chamar um dia
Aos democratas, «thalassas»...

Estando o povo avezado,
Inda verão, com certêza,
Tudo de nome trocado
E o Bernardino Machado
Ser o «Rei» da Madurêza...

—O sr. Antonio Zé melhorar da perna.

—Apparecer o n.º 5 de «A Satyra» a cem réis.

—O Fialho repetir a «roda».

—Apparecerem umas nomeações para certa escola, ha dois mezes no «choco».

—Os adhesivos não estarem á espera de conchas.

—Certo sr. não se julgar em terreno conquistado, como quando mandava calar quem cantava a «Portugueza».

—A imprensa atacar o sr. João Chagas.

—Este cavalheiro voltar a escrever o «Diario Livre» no «Mundo».

Ao correr da fita

—Então, visinha, foi ao fogo?

—Não sou bombeira. Que ia eu lá fazer?

—Não digo isso. Pergunto-lhe se foi ver o fogo de artificio na Rotunda.

—Ah! Fui, sim! Não faltei!

—E gostou?

—Bastante. Foi um espectaculo muito bonito.

—Eu tambem não desgostei. O fogo não era mau. Foi pena as peças serem fracas...

—Fracas! Davam cada estoiro...

—De resto o desafio foi interessante...

—Bem me queria parecer que aquillo era ao desafio. O meu homem é que não acreditava...

—Seu marido tambem foi?

—Foi e gostou. Aquelles foguetes de clarão é que lhe fizeram mal...

—Sim, elle soffre dos olhos...

—Quando chegou a casa a primeira coisa que fez foi limpar a vista...

—E passou-lhe?

—Passou. Anda ainda com um olho sujo, mas isso é do tempo.

—Eu fui mais por causa do passeio, porque estou farta de foguetes!

—Valeu a pena em todo o caso. Gostei deveras d'aquelle foguete quasi no fim.

—Qual? O que subiu muito?

—Sim! O das estrellas...

—Ah! Já sei. Levava uma estrella encarnada em cima!

—Não era esse!

—Era tal!

—Não era! Aquelle de que fallo não levava estrella nenhuma em cima!

—Isso é que levava! Mesmo em cima!

—Não levava tal em cima!...

—Então?

—Levava, mas era no rabo!

Manuel d'Arriaga

Do venerando magistrado, que preside aos destinos da patria portugueza, acabamos de receber, com uma dedicatoria que nos penhora, o seu livro resposta á sua eleição presidencial.

Julgamos inutil dizer que, é um trabalho digno do seu grande talento e das nobres qualidades do seu diamantino caracter. Mais uma vez, «O Zé» apresenta ao nobre chefe da nação, os seus respeitos e a sua carinhosa saudação.

ESTÁ CLARO!

Dizia «A Republica»:

«Que a gloria seja com uns; que a gratidão seja com outros; que o amor da Patria seja com todos.»

E que as massas, os empregos, as commissões e os subsidios sejam lá com elles.

Amen.

Onde é esse paraizo?

«Os Ridiculos» fallam d'um paiz onde não ha pobresa (!)

O' collega, onde é essa ucharia, que queremos lá ir com a nossa tijela da casa?

Não será «escova», nem nada?

Concurso de bestas e carroças

Faltariamos ao mais sagrado dever, senão dessemos á estampa os bellos exemplares premiados no concurso das besta

Tartufo sujo

Ninguem como Moliere, que levou a vida a causticar a humanidade, tambem classificou os sujos que a cada passo nos entolham o caminho.

Um jornal, não é um tanque de lavagem para sujos ou o barril da limpeza, por isso, não procuraremos investigar das mizerias ou sujidades seja de quem fôr; aqui, doutrina-se, orienta-se o publico e corrigem-se os ridiculos, os pretenciosos e os maus, que são aos punhados.

A critica é livre, é justa e indipensavel quando é honesta, quando tem baze, quando tem valor e coherencia.

Ora, somos pela liberdade de pensamento, nem ha grilhões capazes de o subjugar, mas essa liberdade deve ser exercida dentro da maxima coherencia, dentro da maxima ordem e só assim se comprehende, só assim se admitte, só assim pode exercer a sua funcção.

No momento historico, mais fecundo e inegualavel da nossa historia, quando no paiz inteiro, estrugiam os accordes da Portugueza, quando echoavam de norte a sul as saudações á victoria de 5 d'outubro, um jornal ridiculo dos ridiculos, fazia apparecer á publicidade um numero que representa uma offensa á nobresa dos sentimentos d'este bom, d'este soffredor povo portuguez.

«O nosso arco triumphal... para todos os paladares!»

Era assim, que se referia o citado jornal que, em nome do humorismo, ha mezes vem de facto, ridicularizando os ideaes, o povo e a propria nação que é mais alguma cousa! Como portuguezes, como jornalistas, protestamos energicamente contra a gravura do jornal «Os Ridiculos» de 4 d'outubro que, prova provadamente as intenções reservadas a que obedece.

N'um paiz que não fosse Portugal, semelhante audacia e insulto, custaria caro, muito caro mesmo.

Talvez que Tartufo, esse protagonista que tanto symbolisou a obra de Moliere, não fosse capaz de tamanha sujidade, de tão grande affronta a um povo como é o portuguez. E basta.

♣

Gustavo Gimenez

Este nosso querido amigo foi nomeado vice-consul de Portugal em Malaga. Não podia ser mais acertada a escolha pois que as suas altas qualidades de caracter, as suas profundas convicções republicanas e a grande amizade que vota á nossa patria são mais do que fiel garantia que Gustavo Gimenez desempenhará o logar para o que foi nomeado com a maior das competencias.

Felicitando-o, d'aqui lhe enviamos um grande e apertado abraço.

Bojardas

—Porque será que o nosso amigo F... não tem vindo á missa? perguntava um prior a um sacristão.—Será por socialismo?

—Não senhor, responde o sacristo, é peor que isso.

—Peor que socialismo! Será deismo?

—Peor ainda sr. Prior.

—Peor que deismo!! Meu Deus, espero que não seja atheismo...

—Ainda peor sr. Prior, é... rheumatismo!!

—

Que differença ha entre um assassino e uma peça de musica?

—E' que a peça de musica póde se executar muitas vezes e o assassino só uma!

—

«Na aula»:

—Que distancia ha entre o sol e a terra?

—Perto de 37 milhões de leguas.

—Como achou esta distancia?

—Enorme sr. professor! Enorme!!

—

A uma esposa infeliz, chegava o marido de vez em quando a roupa ao pello. Por fim ella queixou-se á policia.

—De que pretexto se serve seu marido para lhe bater? perguntou a auctoridade.

—Não se serve de pretexto, responde a mulher, serve-se de... um cabo de uma vassoura!!

♣

O' da guarda

Vem lá o Paiva Couceiro,
Aos coices por 'hi abaixo,
Arrasa o paiz inteiro,
Cacilhas, Porto, Cartaxo,
Almada, Cintra, Barreiro,
Salvaterra, Benavente,
Alverca, Chicha, Anadia,
Maçans de D. Maria
E Freixo de Espada á Cinta!
Mata vinte, mata trinta,
Mata tudo, minha gente!
Não 'scapa nem um vivente,
Coxéllas, cégo ou zarrôlho!
Todos levam... seu quinau!
Não 'scapa nem um piôlho,
Não 'scapa nem um ganáu,
Ha de tudo sossobrar,
'Té o proprio carapau
Morre no fundo do mar!...
Elle traz a monarchia
Dentro da... malla da tia!
Traz o «D. Manél» tambem
Dentro da... idem da mãe!
Vae sêr tamanha desgraça,
Vão ser tantas as borrascas,
Que quem não seja thalassa,
E' logo cortado ás lascas,
Azeitado e envinagrado,
Dentro d'uma caçarola,
Para depois sêr guisado,
E ter molho á hespanhóla!
Não se póde, não se pode,
Vae a coisa muito tórta!
Ai, filhos, quem nos acóde!
Mas que cheiro a gente morta!
E' um morticinio insano!
Com a furia da caterva,
Não fica um republicano,
Nem que seja de conserva!
Assim n'este reboliço,
Quasi que não se respira...

....

Mas então o que é lá isso?
Não se assustem, que é mentira!...

Viseira carregada

V

Chega hoje a vez de fallarmos de um revoltante escandalo que parece dos tempos da monarchia, mas que o não é; apesar de cheirar a fanatismo, a injustiça e compadrio, que tresanda a cem metros de distancia.

Trata-se do seguinte:

Ha dois antigos empregados do telegrapho, um dos quaes foi demittido por falta de honestidade no serviço e outro que pediu á demissão por, no momento, achar fóra do serviço official maior conveniencia. O primeiro foi um illustre monarchico protegido pelos jesuitas; o segundo já era republicano quando pediu a demissão e prestou relevantes serviços ao novo regimen, gastando dinheiro que pediu emprestado, tomando parte no movimento revolucionario, como consta de alguns relatorios já publicados pela imprensa, etc., etc.

Veio o illustre «blocard» Sr. Brito Camacho á gerencia da pasta respectiva e teve a justiceira lembrança de melhorar a situação do pessoal telegraphico.

Pouco depois pediam a sua readmissão o monarchico, protegido da Companhia de Jesus e o revolucionario com serviços á Republica; o primeiro demittido por faltas graves e o segundo a seu pedido, dadas conveniencias momentaneas e a má situação da classe no tempo da outra «cara metade».

Sabemos já que os leitores terão calculado de si para si, que só o segundo poderia ter sido readmittido e «nunca» o primeiro.

Pois senhores: Só este o foi e não o outro, que teve o mau senso de não pedir nada a ninguem e de confiar na justiça do regimen que todos nós ajudamos a implantar, não contando e com razão que viesse a dar «n'isto».

Fica sem commentarios e sem nomes, que virão aliás, se preciso fôr.

*

Com respeito ao Hospital de S. José, occorre-nos hoje largar mais uma piadinha a proposito da forma infame, como é dada entrada aos doentes que vão acolher-se á beneficencia publica, ou seja as enfermarias geraes.

Eis como se procede:

O doente vae primeiro que tudo á junta consultiva, onde, se a amizade de algum empregado hospitalar lhe não vem valer, espera ahi umas duas horas a vez de chegar ao medico de serviço para que elle ponha n'uma papeleta meia duzia de tretas, não verificando a doença do fulano, mas sim perguntando-lhe o que tem. Depois vae esperar na repartição dos assentos, mais uma boa horasinha que lhe perguntem o nome, idade, filiação, naturalidade e fato que traz, serviço que é feito com uma «rapidez, que chega a assombrar».

Após isto, ainda fica n'outra sala, mais meio seculo, até que se lembrem de lhe rapar o cabello e de o barbear (se a navalha o arranha dizem-lhe que era melhor ter feito a barba cá fóra). Vem em seguida o banho (á vol d'oiseau) e depois o desgraçado enverga o fato da ordem, enfia o bonet de penitenciario e calça os chinellos respectivos.

Agora é que são éllas.

Emquanto não ha para ahi dez ou quinze doentes já promptos para seguirem para as enfermarias, ahi ficam todos á espera, com fome e a vêr uns os soffrimentos dos outros, até que chegue á conta e que venha um illustre servente buscal-os, para os levar á enfermaria, onde os espera uma microscopica caneca de leite para o resto do dia. E basta.

ARTHUR NEVES

O Zé na feira

guir uns aos outros são corridos e... bem pagos, porque vinho como aquelle é bebe-se e paga-se de boa vontade.

A TIA ANNA DO GRÃO

A mais popular casa de pasto das feiras

Situada um pouco acima e á esquerda do Chantecler Chalét, na rua principal, esta barraca tem gabinetes reservados e retiro ao ar livre que o nosso amigo Franco põe ao dispor do freguez para lhe servir o tradicional bacalhau com grão tão admiravelmente temperado pela tia Anna ou os outros variados petiscos de que consta o menú.

Ermida do Padre Antonio

Mesas servidas por gentis raparigas com trajes caracteristicos. Esplanada para a Avenida. Cervejaria Germania. Palitos e papinhos de freira. Missas a 30 réis.

Agua da Mina

Barracas de farturas:

Barraca Arganilense

Na Rua por baixo do caracol. Vinho branco sem egual e licoroso. Retiro ao ar livre. Frequencia escolhida. Freguez que lá entre uma vez nunca mais deixa de lá ir.

ANTIGA BARRACA DE FARTURAS

com o nome registado

de Manuel George Antonio & Filho

Esta conhecida barraca (a primeira que appareceu no genero), este anno está muito augmentada e fica installada no mesmo sitio. E' lá que se fabrica as verdadeiras farturas e tem á venda um apreciado vinho branco e vinho tinto de Aldegallega.

MORAES DO PADRE ANTONIO

Cervejaria, vinho verde, tinto e licores. Petiscos variados. Cerveja superior. Sandwichs, genifote e iscas magnificas.
Proximo ao Chantecler.

Restaurants com adega:

Adega da Figueira

Vinhos especiaes. Recinto ao ar livre debaixo de frondosa figueira, junto d'um lindo lago e repuxo. Brilhante illuminação electrica. Terças e sextas: sopa de feijão encarnado e dobrada á jardineira.

ADEGA DO SALOIO

Prato do dia: atum com batatas. Vinhos puros especiaes. Comidas feitas com aceio. Preços convidativos. Recinto ao ar livre e gabinetes reservados.

Nova barraca das farturas da filha do antigo fabricante

Situada este anno na rua n.º 2 á entrada. Esta barraca muito augmentada e montada com grande luxo, está habilitada com pessoal attencioso e serio a vender aos seus freguezes e ao publico em geral as bellas farturas. Vinho tinto e branco especial.

Carreiras de tiro:

Georgina de Oliveira

Cada tiro 20 réis. Unica carreira de tiro onde ha esta diversão, e tem grande variedade de alvos e flaublert. Junto ao Circo. A melhor installação n'este genero na feira.

ESCOLA DE TIRO AO ALVO

dos successores de

Vicente da Porcalhota

Alvos fixos e moveis. Surprezas variadas e interessantes. Material novo e aperfeiçoado.

Agua da Mina

Bomfim... d'uma conversa

Passavamos no Largo do Pelourinho quando sahia do Arsenal, repoltreado n'uma galéra puxada a bois o batel onde se desenrolou a ultima cobardia d'esse filão viciado que foram os Bragranças.

Ficámos estupefactos! Pois quê! Estava ali o nosso velho amigo dos banhos da Ericeira?

Aproveitando uns momentos de paragem, dirigimos-lhe a palavra.

—Adeus, ó Bomfim!

—Tás tu? berra elle, lá do alto, abrindo-nos... o costado. Anda cá para cima que a maldita pança não me deixa curvár.

Effectivamente está gordo, o patife!

A monarchia, mesmo no estertôr, fêz negocio de barriga.

—Tens passado bem ao que parece, continuámos.

—E' com os ares da Ericeira...

—A familia real é que não gostou d'esses ares...

—Pois olha que foi lá que lhe deu um ár. Eu que o diga...

—E agóra, meu velho, para onde vaes?

—Vou para o Museu da Revolução, homem.

—Se calha, vão pôr-te a quilha no Quelhas. E' isso! Vou asylar! Estou velho, preciso de descanço...

—Se haviam de pôr-te no olho da rua...

—Olha que para esse lado tambem não éra mau descanço. Mas prefiro este...

—És capaz de me contares alguma coisa do que fizéste no dia 5 d'outubro?

—Conto. Os jornaes não disséram metade... N'aquella tarde estava eu a tomar o frêsco na praia quando appareceram uns typos pedindo que me levantasse, pois éra preciso levar gente ao Yacht Amelia. «Que diabo de gente é essa?» perguntei. «E' a familia real que foge de Lisbôa. Proclamou-se a Republica!» «Bôa gente, não haja duvida!» Calcula tu o salto que dei!

Até me fiz encarnado ao vêr que o rei estava verde!

—De modo que até elle adheriu?

—E' facto! «Entrem!» disse eu áquella tropa fandanga. Quem entrou primeiro foi o Manél. Quando pôz o pé cá dentro, não imaginas o perfume que pairou nos ares! Parecia que não mudava de roupa ha oito annos, o mariola.

—E depois?

—Continuou a entrar gente. Por ultimo saltou a D. Amelia. Vinha triste, mas olha que vinha bôa a valêr... Até o pau do léme se endireitou!...

—Sério?

—Palavra! Que diabo! Um batel não é de pau!

—E's'agóra!

—Tanto assim que não poude resistir e fiz-me...

—E ella dáva sorte?

—Fiz-me... ao largo, homem. Por signal que tinha a prôa feita ao már... e a manobra seguiu sem risco.

—E's então um batel que se bateu!

—A minha vontade era mettê-los no fundo, porque eu no fundo sou republicano. Mas tenho bom coração e não fiz isso.

—E elles iam calados?

—«Reinava» um silencio triste. Era o que ali «reinava», felizmente. Só o rei me deu uma palmadinha no costado e perguntou: «—Você tambem pesca?»

Respondi-lhe logo:— «Palavra de honra que não pesco nada!»

—Em que logar ia elle?

—Ia aqui á frente. Era para lá chegar primeiro, talvez.

—E a D. Amelia?

—Essa andava constantemente a mudar de borda. Fêz-me andar de bombordo para estibordo. Tanto que uma vez prendi-lhe as pernas e metti... agua.

—A viagem foi de remos ou á véla?

—A' véla foram elles todos! Não voltam cá mais, tenho a certêza. Por fim chegámos ao Yacht. Não me posso esquecer da rainha...

—E depois.

—Depois atraquei-me...

—A' D. Amelia?

—Não, ao «Amelia». O primeiro a safar-se, estás a vêr que foi o rei. Parecia que levava sêbo nas botas!... Finalmente sahiu a rainha! Olha, foi aqui onde ella esteve sentada mais tempo. Apalpa! Ainda está quente...

—E' verdade! Ainda tens o pau quente!

—Lá ficaram sempre a pensar no caso.

E mal imaginava eu o «bom fim» que vim a têr... Vou-me embóra. Adeus, amigo.

—Adeus, «Bomfim», dissémos nos apertando-lhe... um rémo.

N'esta altura os bois deram um esticão á galera e o barco historico lá foi a caminho do museu.

Mal empregado! Podiam fazer d'alli um «aviso»... aos incáutos...

BONNEVIE

Estante cá da casa

Almanach dos Theatros para 1912, 22.º anno de publicação.

Recebemos este elegante livrinho que a par de muitas coisas bonitas, traz os retratos dos saudosos artistas Julia Mendes e Sousa Bastos. Estampa tambem uma photographia da Ida Zoada que é mesmo de arremelgar o olho...

Agradecemos a offerta.

Vida Artista.

Acabamos de receber a visita d'este nosso presado collega que, se destina á divulgação da Sciencia, Artes e Letras.

E' um jornal primoroso, unico no genero em Portugal. A acamaradar com o seu illustre chefe de redação Eduardo Fernandes, rapaz de valor e actividade, tem brilhantes jornalistas que fazem a delicia dos leitores que teem o prazer do lerem os admiraveis artigos que em todos os numeros publica a «Vida Artista».

Com prazer, reatamos a permuta na mais franca e cordeal estima e camaradagem.

Muitos annos de prosperidades, é o que ambicionamos ao illustre collega.

É uma arte como outra qualquer

Dantes a todo o momento se via nos jornaes noticias com titulos como estes. Corticeiros sem trabalho, serralheiros sem trabalho, etc.

Agora não se lê outra coisa senão:
Revolucionarios civis desempregados.

Vejam lá se fazem uma revoluçãosinha para dar que fazer a esses «artistas!»

Pelos fios

«Estevão de Carvalho—Zé—Lisboa: Anniversario Republica concorrencia theatros nunca vista. **Colyseu dos Recreios** esgotaram-se bilhetes, 14 inaugura-se sensacional companhia variedades. Numeros originalissimos e apreciadissimos extrangeiro. **Rua dos Condes** deu bota mas ferrou tomba e lá marcha. **Avenida** Adriana fez successo. **Gymnasio** sempre á cunha. **Trindade** Gomes fez rir o mais sisudo. **Apolo** tem companhia de truz. Os petizes do **Infantil** receberam os maiores aplausos. **Salão Trindade** apresentou as melhores fitas do extrangeiro e fez ouvir musica da mais apreciavel. **Chiado Terrasse** teve pequenas e pequenos por uma pá velha a aplaudir as suas fitas. **Olympia** teve das melhores concorrencias não lhe faltando a sociedade elegante. No **Central** e **Ideal** a frequencia dos provincianos foi grande que admirou as bellas machinas projectoras d'estes animatographos. **Chalet-Avenida** revista enthusiasmou publico. Zig-zag no **Julia Mendes** continua agradando extremamente. Estou detido casa, dôres callos, caminhadas vendo illuminações. Pingos de foguetes maravilhosos. Publico espera anceoso abertura **theatro do Povo** com nova companhia cujos numeros veem precedidos de grande successo.

ZÉ PIMENTA

COMO SE PERDE UMA CABEÇA

Como por coisas bem futeis se faz andar um pobre governador civico á procura do que lhe falta no governo.